

Uma análise do conto *Rolézim*¹, de Giovani Martins, à luz do Funcionalismo

Leandro Martins de Sousa*

Resumo

Neste trabalho, analisamos o uso do português brasileiro no conto *Rolézim*, do livro **O sol na cabeça**, escrito por Geovani Martins. Este estudo se justifica pelo fato de haver o interesse de se verificar alguns aspectos de adequação da língua, em especial do português brasileiro, a fim de se observar, de fato, seu funcionamento. Para a realização deste artigo, fundamentamo-nos em Cunha (2011) e Martelotta, Votre e Cezario (1996), explorando, a partir de recortes do conto, alguns princípios e categorias centrais da corrente funcionalista, a saber: gramaticalização, marcação, informatividade, iconicidade, transitividade e plano discursivo. Como principal resultado, constata-se como o conto *Rolézim* evidencia o uso real da língua portuguesa brasileira, mostrando como sua estrutura gramatical se adapta às necessidades comunicativas de um grupo específico, destacando a importância da abordagem funcionalista na análise linguística.

Palavras-chave: funcionalismo; funcionamento e adequação da língua; *Rolézim*; *O sol na cabeça*; Giovani Martins.

¹ O conto *Rolézim* se encontra disponível também no site: https://img.travessa.com.br/capitulo/COMPANHIA_DAS_LETRAS/SOL_NA_CABECA_O-9788535930528.pdf.

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Bolsista FAPEMIG. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3405-902X>.

An analysis of the short story *Rolézim*, by Giovani Martins, in the light of Functionalism

Abstract

In this work, we analyze the use of Brazilian Portuguese in the short story *Rolézim*, from the book **O sol na cabeça**, written by Geovani Martins. This study is justified by the fact that there is an interest in verifying some aspects of the adequacy of the language, especially Brazilian Portuguese, in order to actually observe its functioning. To carry out this article, we based ourselves on Cunha (2011) and Martelotta, Votre and Cezario (1996), exploring, based on excerpts from the story, some central principles and categories of the functionalist current, namely: grammaticalization, marking, informativeness, iconicity, transitivity and discursive plan. As a main result, it is clear how the short story *Rolézim* highlights the real use of the Brazilian Portuguese language, showing how its grammatical structure adapts to the communicative needs of a specific group, highlighting the importance of the functionalist approach in linguistic analysis.

Keywords: functionalism; functioning and adequacy of the language; *Rolézim*; *O sol na cabeça*; Giovani Martins

1 Considerações iniciais

É inquestionável que a língua, qualquer que ela seja, está sempre em variação ao longo da história, e eventualmente provoca-se alguma mudança, que pode ser mais ou menos explícita. Por exemplo, “vossa mercê” sofreu, ao longo de um dado período, mudanças bastantes expressivas, passando a assumir diversas formas, tais como “vosmecê”, “você”, “ocê” e, atualmente “cê”. No entanto, vale pontuar que tais modificações não se restringem apenas às transformações morfológicas, como no exemplo dado, mas também sintáticas e semânticas. e, atualmente “cê”. No entanto, vale pontuar que tais modificações não se restringem apenas às transformações morfológicas, como no exemplo dado, mas também sintáticas e semânticas.

Pensando nisso, pode-se inferir que tais fenômenos linguísticos, como defende Cunha (2011, p. 174), são resultados da adaptação da estrutura gramatical às necessidades comunicativas dos usuários da língua, ou seja, são os usos reais da língua que dão, ao longo do tempo, forma ao sistema. Sob essa perspectiva, este artigo se justifica pelo fato de haver o interesse de se analisar alguns aspectos de adequação da língua, em especial da língua portuguesa (LP), em sua variedade brasileira, a fim de se observar, de fato, seu funcionamento.

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo examinar o uso do português brasileiro (PB) no conto *Rolézim*, do livro **O sol na cabeça**, escrito por Geovani Martins¹. A escolha por analisar este conto se dá em razão de ele apresentar uma escrita que se aproxima totalmente da oralidade de falantes da periferia, sobretudo do Rio de Janeiro, o que contribui significativamente para a proposta que aqui se faz.²

A realização desta análise tem como fundamentação teórica a corrente funcionalista, uma vez que esta está voltada para o estudo da relação entre a estrutura gramatical das línguas e as diferentes conjunturas comunicativas em que elas são usadas. Em outras palavras, além de se preocupar com a estrutura gramatical, tal corrente busca, na situação

1 Nascido em 1991, em Bangu, no Rio de Janeiro, Giovanni Martins trabalhou como “homem-placa”, atendente de lanchonete, garçom em bufê infantil e barraca de praia. Nos anos de 2013 e 2015, ele participou das oficinas da Flup (Festa Literária das Periferias), publicou alguns de seus contos na revista Setor X e foi convidado para o programa paralelo da Flip (Festa Literária Internacional de Paraty).

2 Apesar de o conto apresentar uma escrita que se distancia do que é preconizado nas gramáticas normativas, Martins também escreve de acordo com a norma padrão, o que pode ser observado em outros contos do mesmo livro.

comunicativa, a motivação para os fatos da língua. A partir disso, pode-se afirmar que o Funcionalismo visa a trabalhar com dados reais – seja da fala, seja da escrita – retirados de contextos efetivos de comunicação. Sendo assim, a abordagem do Funcionalismo far-se-á a partir do capítulo *Funcionalismo*, de Angélica Furtado da Cunha, que se encontra no **Manual de Linguística**, organizado por Mário Eduardo Martelotta (2011), e na obra **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**, organizada por Mário Eduardo Martelotta, Sebastião Votre e Josué Maria Maura Cezario (1996).

A metodologia a ser utilizada nesta pesquisa será a realização de uma análise linguística, cujo foco será dado a alguns recortes do conto em questão, com o fito de descrever e explorar analiticamente o funcionamento da língua, tendo como base, primordialmente, alguns princípios e categorias centrais da corrente funcionalista, a saber: gramaticalização, marcação, informatividade, iconicidade, transitividade e plano discursivo. Além disso, para fins de exemplificação, ao longo da análise do *corpus*, haverá palavras ou expressões focalizadas, em excertos do conto (marcadas em negrito).

2 Funcionamento e adequação da língua no conto *Rolézim*

Primeiro dos 13 contos do livro **O sol na cabeça**, de Geovanni Martins, *Rolézim* é uma narrativa em primeira pessoa, na qual o personagem-narrador descreve todo um dia ao sair de casa para ir à praia e se encontrar com seus amigos e aproveitar o dia ensolarado. Ao ler o conto, percebe-se que se trata de uma conversa informal entre o narrador e um ouvinte não nomeado, pois é possível evidenciar vocativos – tais como *Mó parada, né não, menó?* e *Mano, os pará peidou na hora, saíram voado, descendo a laje.*, – e expressões que mantêm o ato comunicativo – tais como *Calote pra nós é lixo, tu tá ligado, o desenrolo é forte* e *Sem neurose, gosto nem de lembrar, tu tá ligado, o menó era bom* – ao longo de toda a história. Embora seja possível evidenciar apenas uma voz no texto, devemos apreender que o narrador ³ interage com alguém que é de seu convívio, posto que há informações que somente quem faz parte daquela cena enunciativa compreende. Essa assertiva é bastante importante, pois ela fará parte da análise que aqui será feita.

³ A partir desse momento, chamaremos o narrador de falante, dado que o conto se assemelha a uma conversa descontraída e informal.

Nessa perspectiva, como mencionado, alguns trechos do conto serão considerados a partir dos seguintes princípios e categorias centrais da corrente funcionalista: gramaticalização, marcação, informatividade, iconicidade, transitividade e plano discursivo. Isso é feito com a finalidade de descrever e analisar o funcionamento da língua.

A gramaticalização é um processo responsável por diversas alterações (fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas), demonstrando-se relevante para a compreensão do funcionamento variável de certos itens e estruturas da língua⁴. Partindo da ideia de que, devido às necessidades de comunicação dos falantes, a gramática se adapta para satisfazer essas necessidades, “gramaticalização designa um processo unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais” (Cunha, 2011, p. 173). Para comprovar isso, veremos alguns excertos retirados do conto *Rolézim*.

Por exemplo, o termo *nem*, gramaticalmente, é uma conjunção coordenativa que conecta palavras ou orações em contexto negativo, equivalendo, desse modo, a “e não”. No entanto, nas sentenças (1) e (2), *nem* tem função de advérbio negativo, equivalendo a *não*. Podemos inferir que a escolha por *nem* em vez de *não* se justifica em razão de aquele apresentar um valor mais expressivo do que este. Já em (3) e (4), *nem* torna-se um conector de dois constituintes informacionais e estabelece entre eles um vínculo comparativo, equivalendo a “igual a”.

(1) O pior é que eu *nem* lembro de nada.

(2) O piloto *nem* roncou quando nosso bonde subiu na traseira, [...].

(3) Quando chegasse em casa, ia tá morgadão, dormir *que nem* criança.

(4) [...] ele começou a fumar com dez anos, *que nem* eu.

A priori, *tipo* tem função de substantivo, com sentido de “modelo”; porém, tal termo pode assumir função de advérbio, com o sentido de “igual a”, quando acompanhado do item *que*, como se observa em (5).

(5) Quando eles tão sozinho, olha pra tu *tipo* que com medo, como se tu fosse sempre na intenção de roubar eles. Aí quando tão de bondão, eles olha *tipo que* como fosse juntar ni tu⁵.

4 Ao longo de todo o conto, há outros casos de gramaticalização que não foram explicitados na análise, como o item *que* e os advérbios terminados em *-mente*; todavia, deu-se foco a apenas algumas ocorrências que foram julgadas mais pertinentes para serem abordadas.

5 Neste caso, a conjunção *que* é facultativa e, mesmo que ela seja omitida, o sentido de *tipo* ainda seria o mesmo, isto é, ainda equivaleria a “igual a”.

Outro caso de gramaticalização é o termo *até*, que, a princípio, tem função de preposição, mas pode assumir outras funções, como advérbio de inclusão, com teor de operador argumentativo, como nas sentenças (6) e (7).

(6) Antigamente vagabundo fumava *até* na folha de caderno, no papel de pão.

(7) Maluco resposta, me salvou *até* um cigarro!

No caso de *aí*, trata-se, num primeiro momento, de um advérbio dêitico locativo, mas, ao considerar seus usos referenciais o percurso espaço > tempo, ele apresenta função anafórica temporal, o qual codifica, nessa forma, uma informação mais abstrata, como se observa nas sentenças (8), (9) e (10):

(8) *Passei na casa do Vitim, depois nós ganhou pra caxanga do Poca Telha, aí partimo pra treta do Tico e do Teco.*

(9) *Os play ficou de bucha, com o celular na mão, panguando. Aí passou mais um menó e levou o celular também.*

(10) *Nós tava tranqüilão andando, quase chegando no ponto já, aí escoltamos os canas dando dura nuns menó.*

Outrossim, os pronomes não estão fora desse fenômeno, haja vista que podemos observar que os pronomes pessoais retos têm apresentado função de pronomes pessoais oblíquos. Isso pode ser evidenciado, nas sentenças (11), (12), (13), (14) e (15), em que os pronomes *ele* (instigar ele), *eles* (roubar eles) e *nós* (escoltando nós/ viu nós/ manda nós) não assumem aquela função, mas sim esta, sendo que, no caso de pronome oblíquo, deveria ser *o* (instigá-lo), *os* (roubá-los) e *nos* (nos escoltando/ nos viu/ nos manda), respectivamente.

(11) Sorte foi que o Vitim conseguiu instigar **ele** a dar um belengo pra ficar na atividade.

(12) [...] como se tu fosse sempre na intenção de roubar **eles**.

(13) O bagulho era que tinha uns cana ali parado, escoltando **nós**.

(14) A merda é que um dos cana viu **nós** também [...].

(15) [...] o filho da puta manda **nós** encostar também.

No caso do item *hoje*, embora não mude sua função, isto é, advérbio temporal, ele pode assumir um sentido mais amplo. Em outras palavras, no primeiro momento, *hoje* se refere ao momento da fala, estabelecendo uma

relação temporal com *ontem* e *amanhã*; contudo, vê-se que tal termo pode se referir aos dias que correm, isto é, a atualidade. Isso pode ser evidenciado no exemplo (16), em que *hoje* não necessariamente está atrelado ao momento da fala, mas sim a um período mais extenso.

(16) *Hoje* eu vejo que o papo era reto, bagulho é ficar só no baseado mermo, até bebida é uma merda⁶.

Vale citar, também, o caso do verbo *ter*, embora sua gramaticalização seja de conhecimento de muitos. Diferentemente da maioria dos casos que vimos até aqui, *ter* não deixa de assumir sua função de verbo, mas assume outros sentidos. Assim, tal verbo assume função de posse em (17); de verbo auxiliar em (18); e de verbo modal em (19).

(17) [...] outro perrengue: ninguém **tinha** seda!

(18) Foda é que já **tinha** revirado a casa toda antes de dormir, [...].

(19) **Tem** mais é que encher esses cu azul de bala.

Todavia, em relação às funções supracitadas, vê-se que o verbo *ter* tem assumido, também, sentido de existência, equivalendo a “existir” e “haver” (na sua forma impessoal). Como veremos nas próximas sentenças, é possível evidenciar que o verbo *ter*, quando possui o sentido de “existir”, age da mesma forma que o verbo “haver”, ou seja, é impessoal e, por isso, não é conjugado.

(20) [...] **tinha** umas quatro namorada chorando junto com a mãe dele.

(21) O bagulho era que **tinha** uns cana ali parado, escoltando nós.

Outro item que podemos evidenciar no conto e que passou pelo processo de gramaticalização é *então*. Como podemos perceber nos exemplos abaixo, esse elemento tem valor anafórico em (22), posto que ele se refere a dados temporais anteriormente mencionados; enquanto que, em (23), quando acompanhado da conjunção *ou*, ele forma uma locução que expressa um valor alternativo.

⁶ Na verdade, neste caso, pode-se dizer que *hoje* gera ambiguidade, posto que ele pode assumir as duas funções como foi mencionado. Sendo assim, caso o falante não faça uma retificação, o ouvinte poderá interpretar de uma das duas formas.

(22) *A merda é que um dos cana viu nós também, dava nem pra voltar e pegar outra rua. Mas até então, mano, tava devendo nada a eles, flagrante tava todo na mente, terror nenhum.*

(23) *Eu acho que das duas uma: ou é tudo maconheiro querendo pegar a maconha dos outros pra fazer a cabeça, ou então é tudo traficante querendo vender a erva pra gringo, pros playboy, sei lá.*

De acordo com a Gramática Tradicional, *lá* é considerado advérbio de lugar; porém tal elemento pode assumir outras funções. Por exemplo, *lá* pode fazer alusão dêitica a algo do mundo real, mas que se encontra longe do falante e, sendo assim, está relacionado ao discurso. Desse modo, o elemento *lá* pode se referir ao local mencionado (anáfora), como em (24), ou que será mencionado (catáfora), como em (25) e (26).

(24) *Não pensei duas vez, larguei o chinelo lá mermo e saí voado.*

(25) *Tava bebendo lá na treta do Tico e do Teco, jogando ronda [...].*

(26) *Cria lá do Maranhão, ele.*

Outra função que *lá* pode assumir é a de modalizador discursivo, quando ligado ao verbo *saber* na terceira pessoa do singular do presente do indicativo (*sei*). Tal ocorrência pode ser observada no final da sentença (23), uma vez que ele funciona como um elemento que possibilita o processamento do discurso, revelando incertezas por parte do falante.

Um outro vocábulo bastante interessante que passa pelo fenômeno da gramaticalização é o elemento popular *mó*. É proveniente da gramaticalização de “maior” ou de sua variante arcaica “mor” e funciona como o advérbio, em construções adjetivais de grau e, dessa maneira, equivale a “muito”, como veremos nos casos abaixo:

(27) *Mano de Cinco, que é mó piada também, deu trela [...].*

(28) *[...] várias novinha pegando uma cor com a rabeta pro alto, mó lazer.*

(29) *Tinha dois menó ali perto de nós com mó cara de quem dá um dois.*

(30) *Quando batia o olho de frente com o sol, ficava tudo brilhando, mó marola.*

(31) *Depois ficamo geral disputando quem conseguia ficar mais tempo debaixo da água, mó perrengue!*

(32) *Mó saudade daquele filho da puta, na moral.*

Ao observar os exemplos acima, pode-se inferir que eles direcionam para várias funções que mó pode assumir, funções essas a que se associam vários significados suscetíveis de explicar o deslocamento de “maior”, exemplificado nas sentenças (30) a (31), e a significação de “muita” em (32).

O item *bem*, a princípio, tem função de advérbio de modo; porém, pode assumir outras funções. No entanto, no conto, foi possível observar apenas uma ocorrência, em que *bem*, acompanhado de *feito*, não se refere a algo que foi feito com capricho/esmero, mas se trata de uma expressão que evidencia um aspecto expressivo no falante e, dessa forma, está relacionado ao discurso.

(33) *Achei foi bem feito pra deixar de ser otário.*

Vale dizer que não só itens lexicais, como os supracitados, mas também construções sintáticas passam pelo processo de gramaticalização, haja vista que tanto aqueles quanto estas,

em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Um processo em cujo final o elemento lingüístico tende a se tornar mais regular e mais previsível, pois sai do nível da criatividade eventual do discurso para penetrar nas restrições da gramática. (Martelotta; Votre; Cezario, 1996, p. 7).

Nessa perspectiva, segundo Votre e Rocha, citados por Martelotta, Votre e Cezario (1996),

os usuários da língua se valem de um número relativamente pequeno de formas de origem metafórica para exporem suas idéias e sentimentos. Nesse processo, pelo qual uma mesma forma passa a servir a múltiplas funções, os usuários utilizam-se de velhos itens léxicos e de velhas construções já consolidadas na gramática, para darem conta de novos contextos pragmáticos e semânticos. Implementa-se assim um processo de transferência semântica, analógica e unidirecional, pelo qual a cada forma ou construção passam a corresponder múltiplas funções, estreitamente relacionadas entre si. Aceitam, por hipótese, que um dos recursos mais comuns de deslizamento de sentido e de indiretividade é a metáfora, “compreendida e estruturada não meramente em seus próprios termos, mas também nos termos de outros conceitos”, na acepção de Lakoff (1987). (Martelotta; Votre; Cezario, 1996, p. 9, grifo do autor).

Dessa forma, levando-se em consideração a transferência semântica por meio da metáfora, a seguir, será dado foco somente àquelas provenientes do corpo humano presentes no conto *Rolézim*. Isso se justifica em razão de a metáfora apresentar um amplo campo de atuação e, por isso, serão abordadas somente as metáforas mais produtivas, que seguem a trajetória corpo > mente. Além do mais, outro motivo que legitima esta escolha é o fato de “ser o corpo humano base para todas as nossas atividades, para todos os objetos que utilizamos no cotidiano, enfim, para toda a nossa vida mental e intelectual; pois é a partir dele que o mundo humano se constrói” (Martelotta; Votre; Cezario, 1996, p. 9).

A seguir, foi elaborado um quadro no qual foram expostos excertos do conto que apresentam construções sintáticas que levam em consideração partes do corpo, bem como o sentido que elas apresentam:

Quadro 1 – Construções sintáticas com parte do corpo

Excerto	Construção sintática e seu sentido
(34) <i>O que salvou a viagem foi ficar marolando, vendo o Vitim e o Teco, os dois tava trincadão, mordendo as orelha.</i>	Morder as orelhas = fazer algo impossível
(35) <i>O piloto nem roncou quando nosso bonde subiu na traseira, o ônibus tava como, lotadão, várias gente, cadeira de praia, geral suado, apertado. Tava osso.</i>	Estar osso = estar/ser difícil, estar/ser ruim, estar/ser tenso.
(36a) <i>Sem contar os camuflado de trabalhador, que ficam só de olho em quem tá de malote, esperando a boa.</i> (36b) <i>Quando batia o olho de frente com o sol, ficava tudo brilhando, mó marola.</i>	Ficar de olho = vigiar, tomar conta de algo ou de alguém Bater o olho = olhar, mirar, visualizar
(37a) <i>Os comédia meteu o pé, levando só a canga.</i> (37b) <i>Tava na hora de meter o pé.</i>	Meter o pé = ir embora, partir
(38a) <i>Aí o papo dele pra mim: pra eu ficar só no baseado.</i> (38b) <i>Hoje eu vejo que o papo era reto, bagulho é ficar só no baseado mermo, até bebida é uma merda.</i> (38c) <i>Até hoje vagabundo fala que era papo de virar profissional.</i>	Papo = conselho, ideia
(38d) <i>Ela sempre me manda o papo de que se eu for parar no Padre Severino ela nunca mais olha na minha cara.</i> (38e) <i>Me deu o papo pra ficar na atividade, que os verme tava de maldade naqueles dias.</i> (38f) <i>Os menô era tudo ratararia, mas o rasta já tinha dado o papo que a praia tava lombrada.</i>	Mandar o papo = falar algo Dar o papo = falar algo
(38g) <i>Tava tranquilo, a parada tinha sido papo de cobrança e o maluco que passou o boliviano tinha dado até um tempo da praia.</i>	Papo = motivo
(39) <i>Porra, meu sangue ferveu na hora, sem neurose.</i>	Sangue ferver = enfurecer-se, ficar impaciente
(40) <i>Virei a cara pra ver se ainda tava na mira do verme, mas ele já tinha dado as costas pra continuar revistando os menô.</i>	Dar as costas = virar para trás
(41) <i>Eu acho que das duas uma: ou é tudo maconheiro querendo pegar a maconha dos outros pra fazer a cabeça, ou então é tudo traficante querendo vender a erva pra gringo, pros playboy, sei lá.</i>	Fazer a cabeça = ficar “doidão”, geralmente de maconha, ou seja, estar sob o efeito de entorpecente
(42) <i>Nem acreditei quando voltei e vi o bonde todo com mó cara de cu.</i>	Cara de cu = expressão facial descontente ou contrariado.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A marcação, por sua vez, é compreendida como a oposição entre dois elementos, sendo um marcado e ou outro não marcado, pelo fato de aquele exibir uma propriedade ausente neste. Nessa lógica, a marcação pode ser analisada no âmbito fonológico, morfológico ou sintático, mas daremos foco aos dois últimos. No caso da morfologia, por exemplo, um caso de marcação pode ser evidenciado no que concerne ao número (singular e plural) das palavras, uma vez que a forma singular é o não marcado, em oposição ao plural, que é marcado, geralmente, por -s.

Desse modo, podemos perceber, ao longo do conto, construções em que apenas o determinante (artigo, pronome, numeral) vai para o plural, enquanto o determinado (substantivo) a que aquele está associado se mantém no singular. Dentre vários casos que ocorrem ao longo do texto, trazemos alguns para exemplificar tal ocorrência: *as infiltração, dois conto, pros amigo, Esses moleque, eles era fechamento, uns olho, umas quatro namorada, e várias novinha*. Como se observa, somente os determinantes apresentam a marcação de plural. Isso ocorre, pois, segundo Cunha (2011, p. 170), as formas não marcadas ocorrem com maior frequência, além de apresentarem contexto de ocorrência mais amplo e forma mais simples ou menor. Sob essa lógica, mesmo não havendo a concordância nominal – o que configura num distanciamento da norma padrão da LP – conseguimos compreender que se trata de *infiltrações, contos, amigos, moleques, fechamentos, olhos, namoradas e novinhas*, respectivamente.

Vale dizer, também, que não só o plural de tais palavras não é marcado, como também não é marcado, em alguns momentos, a relação normativa de concordância verbal – a desinência encontra-se ausente, seja na primeira pessoa do plural (nós), seja na terceira pessoa do plural (eles ou elas) –, como podemos notar nos seguintes exemplos: *Esses moleques gosta muito [...], os dois tava trincadão [...]* e *[...] depois nós ganhou pra caxanga do Poca Telha [...]*.

Além da morfologia, podemos observar a questão da marcação também na sintaxe, posto que a ordenação mais comum (sujeito + verbo + complemento + circunstância) é a forma não marcada, e a ordenação menos comum (topicalização, inversão) é a marcada. A título de exemplificação, na coluna à esquerda do Quadro 2, foram dispostas as sentenças originais do conto; enquanto, na coluna à direita, as sentenças alteradas obedecendo a estrutura canônica:

Quadro 2 – Formas marcadas retiradas do conto

Formas marcadas	Formas não marcadas
(43a) [...] loló ele falou que era pra eu não usar [...].	(43b) [...] ele falou que era pra eu não usar loló [...].
(44a) Do nada brotou o Mano de Cinco com mais dois paraíba que tinha acabado de chegar da terrinha.	(44b) O Mano de Cinco brotou do nada com mais dois paraíba que tinha acabado de chegar da terrinha.
(45a) Era um maluco maneiro, o rasta. Cria lá do Maranhão, ele.	(45b) O rasta era um maluco maneiro. Ele era cria lá do Maranhão.

Fonte: Elaborado pelo autor.

No caso da primeira coluna, as sentenças são consideradas formas marcadas, posto que elas apresentam uma estrutura sintática menos comum, além de expressarem algum tipo de força argumentativa por parte do falante. Isso se justifica pelo fato de que, nas formas marcadas, o falante se mostra mais expressivo, uma vez que é possível inferir uma ideia de atenção/apreço, surpresa e admiração em (43a), (44a) e (45a), respectivamente, em detrimento das sentenças (43b), (44b) e (45b), nas quais há simples afirmações que não apresentam, necessariamente, qualquer argumento desse tipo. Com isso, podemos asseverar que

essa é a importância do conceito de marcação no que diz respeito ao uso da língua: uma forma lingüística mais corriqueira, que apresenta alta frequência de uso, tende a ser conceptualizada de modo mais automatizado pelo usuário da língua e isso significa que essa forma tem pouca expressividade. (Cunha, 2011, p. 171).

Outro princípio da corrente funcionalista relevante para a discussão e que é percebido no conto é a informatividade, fenômeno que “focaliza o conhecimento que os interlocutores compartilham, ou supõem que compartilham, na interação verbal” (Cunha, 2011, p. 166). Essa afirmação é relevante para esta análise, pois, como afirmado, apesar de se evidenciar apenas uma voz, o conto projeta uma conversa entre o narrador e seu ouvinte, os quais compartilham certos conhecimentos, como veremos.

Sendo assim, de acordo com Cunha (2011, p. 166, grifo da autora), “a aplicação desse princípio se tem voltado para o exame do status

informativa dos referentes nominais. Desse modo, um sintagma nominal pode ser classificado como dado, novo, disponível e inferível”. Considera-se um referente como dado (ou velho) quando “já tiver ocorrido no texto (referente textualmente dado) ou se estiver disponível na situação de fala (referente situacionalmente dado), como os próprios participantes do discurso: falante e ouvinte” (Cunha, 2011, p. 166). A título de exemplificação, vejamos os fragmentos abaixo:

(46) *A bolação dele era que um amigo que cresceu com ele tinha morrido do nada. Overdose. **Tava** pancadão na bike, se pá até **indo** de missão comprar mais, quando **caiu** no chão. Já caiu duro. Overdose. **Tinha** a idade do meu irmão na época, pô. Vinte dois!*

(47) *O Mano de Cinco, que é mó piada também, deu trela, **cismou** que era os polícia entocado na laje ali do lado, **preparando** pra dar o bote neles. Mano, os pará peidou na hora, **sáiram** voado, descendo a laje.*

No fragmento (46), o sujeito dos verbos destacados em negrito foi omitido, uma vez que este foi mencionado na primeira sentença, constituindo um caso de referente anteriormente dado: um amigo e, em razão disso, ele não precisou ser repetido nas demais cláusulas. O mesmo pode ser dito em relação ao fragmento (47), no qual o sujeito do verbo cismar, mesmo que omitido, é *O Mano de Cinco*; o sujeito do verbo preparar é *os polícia*; e o sujeito dos verbos sair e descer é *os pará*, haja vista que, em cada caso, ocorre a elipse, uma vez que não comprometeria a informatividade e a progressão textuais.

Outro exemplo de informatividade é com relação ao referente novo, o qual ocorre quando ele é introduzido pela primeira vez no texto, como pode ser evidenciado nas sentenças (48) e (49). Em ambos os casos, os referentes *cana* e *rasta* são introduzidos pela primeira vez e, por isso, são acompanhados pelo artigo indefinido. Depois que o referente é retomado, é marcado com o artigo definido:

(48) *O bagulho era que tinha **uns cana** ali parado, escoltando nós. Tava geral na intenção de apertar o baseado, e **os cana** ali.*

(49) *Pior que foi tranquilão pra arrumar a seda, pedi pra **um rasta** que tava vendendo pulseira do reggae. [...]. **O rasta** mandou ficar na atividade se fosse fazer qualquer correria [...].*

O referente disponível, por sua vez, ocorre quando este já está na mente do ouvinte em razão de ser, geralmente, um referente único em determinado contexto. Alguns exemplos de referentes mais amplos que ocorrem no texto são: *vento, ventilador, sol, água, praia, celular, canga*, entre outros.

Já no caso do contexto da conversa, pelo fato de os interlocutores compartilharem diversos conhecimentos, alguns referentes também são disponíveis para o ouvinte. Por exemplo, nas sentenças (50), (51) e (52), os nomes destacados são pessoas que pertencem ao mesmo grupo de convívio do falante e de seu ouvinte e, apesar de ser a primeira vez que são mencionados, o ouvinte não tem dificuldade de saber quem são aquelas pessoas a que o locutor se refere. Já na sentença (53), os referentes em negrito remetem a times de futebol, os quais, são de conhecimento não só do falante, mas também do ouvinte. Na sentença (54), por sua vez, *Padre Severino*, ou melhor, *Instituto Padre Severino*⁷ também é um referente disponível para os interlocutores, em virtude de ser de conhecimento deles:

(50) *Passei na casa do **Vitim**, depois nós ganhou pra caxanga do **Poca Telha**, aí partimo pra treta do Tico e do Teco.*

(51) *Que nem no dia que tava eu e o **Poca Telha** queimando um na laje da tia. Do nada brotou o **Mano de Cinco** com mais dois paraíba que tinha acabado de chegar da terrinha.*

(52) *Operação mermo só teve quase uma semana depois, que foi até quando tiraram a vida do **Jean**.*

(53) *Até hoje vagabundo fala que era papo de virar profissional. Já tava na base do **Madureira**, logo iam acabar chamando ele pra um Flamengo, um Botafogo da vida.*

(54) *Ainda mais depois do bagulho que aconteceu com meu irmão. Ela sempre me manda o papo de que se eu for parar no **Padre Severino** ela nunca mais olha na minha cara.*

O referente inferível pode ser identificado por meio de deduções, levando em consideração informações que foram dadas anteriormente e que possibilitam fazer tal inferência. Em geral, esse tipo de referente é

⁷ Criado em 1954 e extinto em 2012, o Instituto Padre Severino foi um tradicional reformatório público na Ilha do Governador, no Rio de Janeiro. Tal instituto era bastante famoso, pois tinha um histórico considerável de rebeliões, fugas e mortes.

acompanhado por um artigo definido. Voltando aos exemplos (50) a (54), notam-se casos de referentes disponíveis para os interlocutores – falante e ouvinte – do conto, pois, como já foi dito, tais entidades fazem parte do conhecimento deles.

Não obstante, exceto a sentença (53) – que também pode ser um referente disponível para nós, leitores, por sabermos se tratar de times de futebol –, nos exemplos (50), (51) e (52), inferimos que os nomes e os apelidos destacados são pessoas do convívio dos interlocutores e, por isso, eles são referentes inferíveis para nós. O mesmo se pode dizer da sentença (54), na qual o referente *Padre Severino* se faz referente inferível para nós pelo fato de o contexto nos induzir a compreendê-lo como uma prisão ou algo semelhante. Para exemplificar mais um caso de referente inferível, vejamos outra sentença do conto:

(55) *O piloto nem roncou quando nosso bonde subiu na traseira, o ônibus tava como, lotadão, várias gente, cadeira de praia, geral suado, apertado.*

Nesse exemplo, temos como referente *na traseira*, o qual não foi mencionado anteriormente e, por isso, não pode ser considerado referente dado. Todavia, como uma traseira pressupõe fazer parte de um meio de transporte e, em razão de ser mencionado anteriormente o *piloto*, isto é, o motorista, o ouvinte não apresenta dificuldades para identificar tal informação.

No que se refere à iconicidade, outra categoria do Funcionalismo, há “contextos comunicativos em que a codificação morfossintática é opaca em termos da função que desempenha. Isso ocorre porque a iconicidade do código linguístico está sujeita a pressões diacrônicas corrosivas tanto na forma quanto na função” (Cunha, 2011, p. 167). Partindo dessa concepção, podemos nos ater a três subprincípios, nos quais o princípio de iconicidade se manifesta, a saber: quantidade de informação, grau de integração entre os constituintes da expressão e do conteúdo e ordenação sequencial dos segmentos.

No caso do subprincípio da quantidade,

quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma, de tal modo que a estrutura de uma construção gramatical indica a estrutura do

conceito que ela expressa. Isso significa que a complexidade de pensamento tende a refletir-se na complexidade de expressão (Slobin, 1980): aquilo que é mais simples e esperado se expressa com o mecanismo morfológico e gramatical menos complexo. (Cunha, 2011, p. 168).

Nessa lógica, ao levar em consideração a citação supracitada e ao analisar o conto, fica evidente que, ao longo de toda narrativa, a forma mais simples é predominantemente mais recorrente, posto que são pouquíssimas as formas mais complexas (*infiltração, salvação, traseira, viagem, rabeta, maconheiro, boliviano, alucinação, passagem, desenrolo, trabalhador, pulseira, fumante, flagrante*⁸, cujas formas mais simples são, respectivamente, *filtro, salvar, trás, viajar, rabo, maconha, Bolívia, alucinar, passar, rolo, trabalho, pulso, fumo, flagra*).

Já o subprincípio da integração

prevê que os conteúdos que estão mais próximos cognitivamente também estarão mais integrados no nível da codificação – o que está próximo mentalmente coloca-se próximo sintaticamente. Esse subprincípio se manifesta, por exemplo, no grau de integração que o verbo da oração principal exibe em relação ao verbo da subordinada. (Cunha, 2011, p. 168-169).

Com base nisso, vejamos os exemplos abaixo:

(56) Eu acho que das duas uma: ou é tudo maconheiro querendo pegar a maconha dos outros pra fazer a cabeça, ou então é tudo traficante querendo vender a erva pra gringo, pros playboy, sei lá.

(57) Desde que nós chegou que eles tava ostentando.

(58) Se vagabundo me pega numa dessa tomo um coro.

(59) Ele disse que deixava um baseado com nós [...].

(60) [...] quando eu vejo cana querendo muito trabalhar fico logo bolado.

(61) Quando eles tão sozinho, olha pra tu tipo que com medo [...]. Aí quando tão de bondão, eles olha tipo que como fosse juntar ni tu.

Observados os exemplos acima, podemos evidenciar que, conforme Cunha (2011, p. 169), tais “orações indicam que, quanto menos integrados

⁸ Aqui foram escolhidas somente palavras nominais para comprovar tal ocorrência.

os dois eventos estão, tanto mais provável que um elemento de subordinação ou uma pausa separe a oração subordinada da principal”. Assim, em (56), há dois eventos separados: o ato de achar/pensar algo e o ato de pegar ou vender algo, além de que ambas as cláusulas apresentam sujeitos distintos, ou seja, no primeiro caso, o sujeito é o falante eu e, no segundo, tudo, que se refere aos policiais. O mesmo pode ser dito em relação aos exemplos (57) e (58), nos quais há dois eventos distintos: ato de chegar e ato de estar ostentando, sendo que o sujeito do primeiro é nós, enquanto do segundo é eles em (57); ato de pegar e ato de tomar um coro, sendo vagamundo sujeito do primeiro caso, e eu (sujeito desinencial) do segundo, no exemplo (58).

Na sentença (59), não é possível distinguir dois eventos diferentes, haja vista que ambas as orações apresentam o mesmo sujeito (Ele), o qual foi apagado no segundo caso, situação em que a fusão semântica e sintática é maior. O mesmo pode-se dizer da sentença (60), na qual o pronome eu é sujeito em ambas as cláusulas, sendo omitido na segunda. Já em (61), podemos observar uma diferença, embora os sujeitos das duas cláusulas de cada período sejam os mesmos. No primeiro período, por exemplo, a omissão do sujeito ocorre na segunda cláusula, enquanto, no segundo período, a omissão ocorre na primeira cláusula.

Levando em consideração que aquilo que está mais próximo mentalmente também se coloca mais próximo sintaticamente, é possível notar, como se observa nas cláusulas em (57), (58), (60) e (61), a preferência do falante por iniciar a sentença com oração subordinada adverbial temporal (57, 60 e 61) ou condicional (58), o que ocorre com frequência ao longo de todo o conto. Com isso, podemos inferir que a inversão da ordem das orações, distanciando-se do canônico (oração principal seguida da oração subordinada), além de se relacionar com o subprincípio da integração, também pode ser justificada pelo princípio da marcação, uma vez que a oração subordinada seguida da principal é mais marcada em razão de ser menos frequente.

Nessa lógica, assim como defende Cunha (2011, p. 171), “uma forma lingüística mais corriqueira, que apresenta alta frequência de uso, tende a ser conceptualizada de modo mais automatizado pelo usuário da língua e isso significa que essa forma tem pouca expressividade”. É por isso que, quando querem ser mais expressivos, os falantes optam por formas marcadas.

Outro subprincípio da iconicidade é da ordenação sequencial, o qual apresenta outros dois subprincípios: o da ordenação linear e o da relação entre ordem sequencial e topicalidade. No caso do primeiro fenômeno, a ordenação das orações tende a refletir a sequência temporal em que os eventos descritos ocorreram, ocorrem ou ocorrerão. Por exemplo, em (62), o falante projeta uma ação que ainda acontecerá e ele o faz seguindo tal ordem, bem como em (63), no qual é descrito um evento que já sucedeu.

(62) Bagulho era investir os dois conto no pão, divulgar um café e partir pra praia de barriga forrada.

(63) Passei na casa do Vitim, depois nós ganhou pra caxanga do Poca Telha, aí partimo pra treta do Tico e do Teco.

O segundo subprincípio ligado à ordenação é o subprincípio da relação entre ordem sequencial e topicalidade. Trata-se de

uma conexão entre o tipo de informação veiculada por um elemento da cláusula e a ordenação que ele assume. Um exemplo de como isso ocorrer pode ser visto no fato de que informações velhas, ou já mencionadas, tendem a ocorrer no início da cláusula e informações novas, no final. Vejamos o exemplo que segue:

Tenho vários amigos, mas meu preferido é Carlos. Carlos está sempre comigo nas horas de diversão.

Podemos notar que o referente “Carlos”, quando mencionado pela primeira vez, aparece no final da frase (“meu preferido é Carlos” ao invés de “Carlos é meu preferido”). Entretanto, na cláusula seguinte, “Carlos” é novamente mencionado, constituindo, portanto, informação velha. Nesse caso, ele ocorre no início da cláusula. (Cunha, 2011, p. 170, grifos da autora).

Sendo assim, nota-se que, ao longo do conto, esse tipo de subprincípio só ocorre quando o referente que é retomado está bastante distante, diferentemente do que acontece no exemplo do referente *Carlos*. Isso pode ser justificado em razão de haver preferência pela omissão do referente dado na segunda cláusula, ao invés de repeti-lo, configurando um caso de elipse (que não reduz a informatividade), ou substituir tal

referente por um pronome. A seguir seguem duas sentenças hipotéticas que exemplificam ambos os casos:

(64) *Tenho vários amigos, mas meu preferido é Carlos. Ø Está sempre comigo nas horas de diversão.*

(65) *Tenho vários amigos, mas meu preferido é Carlos. Ele está sempre comigo nas horas de diversão.*

Segundo Cunha (2011, p. 170), “esse subprincípio pode assumir características diferentes quando associado à noção de contrastividade. Esse caso pode ser visto, por exemplo, na tendência de se antepor na cláusula determinados trechos para efeito de contraste”. Para exemplificar, em (66), foi Mano de Cinco que brotou, isto é, apareceu do nada e não outra pessoa, bem como ele apareceu com dois paraíbas, e não com um ou mais de dois, além de serem da Paranaíba, e não de outro lugar.

(66) *Do nada brotou o Mano de Cinco com mais dois paraíba que tinha acabado de chegar da terrinha.*

Por fim, mas não menos importante, podemos tratar sobre a transitividade e o plano discursivo na perspectiva da corrente funcionalista. A transitividade é, de acordo com a Gramática Normativa, uma propriedade de os verbos serem classificados como transitivos ou intransitivos. Já no Funcionalismo, além de levar isso em consideração, associa

a transitividade a uma função pragmática: o modo como o falante organiza seu texto é determinado, em parte, pelos seus objetivos comunicativos e, em parte, pela sua percepção das necessidades do seu interlocutor. Nesse sentido, o texto apresenta diferentes planos discursivos, que distinguem as informações centrais das periféricas. (Cunha. 2011, p. 172).

Nessa perspectiva, na escala de transitividade, há duas porções: a figura e o fundo. A figura se refere às orações com alta transitividade, assinalando porções centrais do texto, em que se evidenciam eventos perfectivos, que expressam a sequência de ações que caracteriza a narrativa (Cunha, 2011, p. 172). Já o fundo se refere às orações com baixa

transitividade, as quais marcam as porções periféricas do texto, nas quais se revelam informações que contextualizam as ações de figura, tais como o local e/ou o momento em que elas ocorrem, como elas ocorrem, bem como expressam as causas e as finalidades dessas ações (Cunha, 2011, p. 173). O fundo, frequentemente, é expresso por orações que apresentam verbos estáticos – como “ser” e “estar” – na forma de presente do indicativo ou de pretérito imperfeito (Cunha, 2011, p. 173). Para exemplificar tais conceitos, observemos o seguinte excerto do conto:

Nós tava tranquilão andando, quase chegando no ponto já, aí escoltamos os canas dando dura nuns menó. A merda é que um dos cana viu nós também, dava nem pra voltar e pegar outra rua. Mas até então, mano, tava devendo nada a eles, flagrante tava todo na mente, terror nenhum. Seguimo em frente.

Quando nós tava quase passando pela fila que eles armaram com os menó de cara pro muro, o filho da puta manda nós encostar também. Aí veio com um papo de que quem tivesse sem dinheiro de passagem ia pra delegacia, quem tivesse com muito mais que o da passagem ia pra delegacia, quem tivesse sem identidade ia pra delegacia. Porra, meu sangue ferveu na hora, sem neurose. Pensei, tô fodido; até explicar pra coroa que focinho de porco não é tomada, ela já me engoliu na porrada.

Não pensei duas vez, larguei o chinelo lá mermo e saí voado. O cana gritou na hora que ia aplicar. Passei mal, papo reto, fui correndo com o cu na mão, queria nem olhar pra ver qual ia ser. [...].

Meu corpo todo gelou, parecia que tava feito. Era minha vez. Minha coroa ia ficar sem filho nenhum, sozinha naquela casa. Mentalizei Seu Tranca Rua que protege minha avó, depois o Jesus das minhas tias. Eu não sei como conseguia correr, menó, papo reto, meu corpo todo parecia que tava travado, eu tava todo duro, tá ligado? Geral na rua me olhando. Virei a cara pra ver se ainda tava na mira do verme, mas ele já tinha dado as costas pra continuar revistando os menó. Passei batido!⁹

A seguir, o excerto em questão foi separado em duas colunas, sendo a da direita a figura, e a da esquerda do fundo.

⁹ No conto, há outros excertos que também caberia fazer uma análise no que diz respeito à transitividade, mas foi preferível por apresentar apenas um exemplo, por acreditar ser suficiente para exemplificar tal princípio.

Quadro 3 – Figura e fundo de um excerto do conto Rolézim

Figura	Fundo
<ul style="list-style-type: none"> - escoltamos os canas - um dos cana viu nós - Seguimo em frente - o filho da puta manda nós encostar - veio com um papo - meu sangue ferveu - Pensei, tô fodido - Não pensei duas vez - larguei o chinelo lá mermo - e saí voado - O cana gritou na hora que ia aplicar - Passei mal - Meu corpo todo gelou - Mentalizei Seu Tranca Rua - Virei a cara - Passei batido 	<ul style="list-style-type: none"> - Nós tava tranqüilão andando, quase chegando no ponto já - os canas dando dura nuns menó - dava nem pra voltar e pegar outra rua - tava devendo nada a eles - flagrante tava todo na mente - Quando nós tava quase passando pela fila que eles armaram com os menó de cara pro muro - quem tivesse sem dinheiro de passagem ia pra delegacia, quem tivesse com muito mais que o da passagem ia pra delegacia, quem tivesse sem identidade ia pra delegacia - fui correndo com o cu na mão - queria nem olhar pra ver qual ia ser - parecia que tava feito - Era minha vez - Minha coroa ia ficar sem filho nenhum, sozinha naquela casa - meu corpo todo parecia que tava travado - eu tava todo duro - Geral na rua me olhando - pra ver se ainda tava na mira do verme - ele já tinha dado as costas pra continuar revistando

Fonte: Elaborado pelo autor.

3 Considerações finais

Como podemos evidenciar com a análise em questão, o conto, por mais que seja escrito, assemelha-se a uma conversa entre um falante que conta, para seu ouvinte, sobre um dia que foi à praia com seus amigos e, por isso, podemos afirmar que a narrativa retrata, de fato, um ato comunicativo. Assim, o conto evidencia o uso real da língua de um grupo específico, a saber de pessoas da periferia, sobretudo do Rio de Janeiro, cidade onde Giovani Martins nasceu e viveu. Dessa forma, podemos perceber, ao longo da análise, como a estrutura gramatical se adapta às necessidades comunicativas dos usuários de determinada língua, especialmente da língua portuguesa brasileira, dado que é possível observar seu real funcionamento.

Sob esse viés, para observar o funcionamento da língua, partimos de alguns princípios e categorias da corrente funcionalista, a saber: gramaticalização, marcação, informatividade, iconicidade, transitividade e plano discursivo. A partir de tais conceitos, evidenciamos como eles denotam a função expressiva por parte do falante, o que não é tão evidente em estruturas sintáticas enrijecidas pela Gramática Tradicional, a qual leva em consideração predominante frases inventadas para cumprir determinadas finalidades que não são efetivamente o ato comunicativo. Em outras palavras, os itens e as construções sintáticas evidenciados no conto tendem a ser explicados de modo menos automatizado pelo usuário da língua, o que significa que tais formas têm maior expressividade.

Além do mais, como podemos notar, a língua satisfaz funções que são externas ao sistema linguístico em si, funções essas que influenciam a organização interna do sistema linguístico. Dessa maneira, evidenciamos que a língua trata de dois tipos de sistemas de regras, como defende Cunha (2011, p. 162): (i) as regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas – as quais são responsáveis pela composição das estruturas linguísticas – e (ii) as regras pragmáticas, as quais são responsáveis pelos modelos de interação verbal na qual as estruturas linguísticas são usadas.

Cabe dizer também que, conforme a perspectiva do Funcionalismo, a linguagem é como um instrumento de interação social, o que justifica a análise do conto, posto que foi tratado não só acerca da estrutura gramatical, mas também do contexto discursivo, com o fito de explicar a motivação

para determinados fatos da língua que foram evidentes em *Rolézim*. Sendo assim, levando em consideração o texto analisado e as ideias do Funcionalismo, percebe-se que “a sintaxe é uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso, ao qual se molda” (Cunha, 2011, p. 163).

É relevante frisar que nem todas as ocorrências dos princípios e categorias supracitadas presentes na narrativa foram analisadas, seja por não haver a necessidade de trazer todos os casos do conto para comprovar o funcionamento da língua, seja por algum fenômeno ter passado despercebido, devido à opacidade que a língua, muitas vezes, apresenta. Contudo, consideramos que os exemplos retirados do conto são suficientes para satisfazer a exemplificação do grande conjunto de fenômenos linguísticos que estão relacionados à adaptação da estrutura gramatical às necessidades comunicativas dos usuários da língua.

Referências

CUNHA, Angélica Furtado da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de Linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 157-176.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião; CEZARIO, Josué Maria Maura. Introdução. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião; CEZARIO, Josué Maria Maura (org.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: UFRJ - Grupo de Estudos Discurso & Gramática, 1996.

MARTINS, Geovanni. *Rolézim*. In: MARTINS, Geovanni. *O sol na cabeça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 9-16